

**Concurso Público 2017**

**Técnico Judiciário do 1º Grau de Jurisdição**

# Língua Portuguesa



## Conteúdo

➔ Compreensão e interpretação de textos, com razoável grau de complexidade; Reconhecimento da finalidade de textos de diferentes gêneros; Localização de informações explícitas no texto; Inferência de sentido de palavras e/ou expressões; Inferência de informações implícitas no texto e das relações de causa e consequência entre as partes de um texto. Distinção de fato e opinião sobre esse fato. Interpretação de linguagem não verbal (tabelas, fotos, quadros etc.). Reconhecimento das relações lógico-discursivas presentes no texto, marcadas por conjunções, advérbios, preposições, locuções etc. Reconhecimento das relações entre partes de um texto, identificando repetições ou substituições que contribuem para sua continuidade. Identificação de efeitos de ironia ou humor em textos variados. Reconhecimento de efeitos de sentido decorrentes do uso de pontuação, da exploração de recursos ortográficos e/ou morfosintáticos, de campos semânticos, e de outras notações. Identificação de diferentes estratégias que contribuem para a continuidade do texto (anáforas, pronomes relativos, demonstrativos etc.). Compreensão de estruturas temática e lexical complexas. Ambiguidade e paráfrase. Relação de sinonímia entre uma expressão vocabular complexa e uma palavra.

## Coletâneas de Exercícios Gerais



**Compreensão e Interpretação de Textos, com moderado grau de complexidade. Reconhecimentos da finalidade de textos de diferentes gêneros.**

Os concursos apresentam questões interpretativas que têm por finalidade a identificação de um leitor autônomo. Portanto, o candidato deve compreender os níveis estruturais da língua por meio da lógica, além de necessitar de um bom léxico internalizado.

As frases produzem significados diferentes de acordo com o contexto em que estão inseridas. Torna-se, assim, necessário sempre fazer um confronto entre todas as partes que compõem o texto.

Além disso, é fundamental apreender as informações apresentadas por trás do texto e as inferências a que ele remete. Este procedimento justifica-se por um texto ser sempre produto de uma postura ideológica do autor diante de uma temática qualquer.

**Denotação e Conotação**

Estes dois conceitos são muito fáceis de entender se lembrarmos que duas partes distintas, mas interdependentes, constituem o signo linguístico: o *significante* ou *plano da expressão* - uma parte perceptível, constituída de sons - e o *significado* ou *plano do conteúdo* - a parte inteligível, o conceito. Por isto, numa palavra que ouvimos, percebemos um conjunto de sons (o significante), que nos faz lembrar de um conceito (o significado).

A **denotação** é justamente o resultado da união existente entre o significante e o significado, ou entre o plano da expressão e o plano do conteúdo. A **conotação** resulta do acréscimo de outros significados paralelos ao significado de base da palavra, isto é, um outro plano de conteúdo pode ser combinado ao plano da expressão. Este outro plano de conteúdo reveste-se de impressões, valores afetivos e sociais, negativos ou positivos, reações psíquicas que um signo evoca.

Portanto, o sentido conotativo difere de uma cultura para outra, de uma classe social para outra, de uma época a outra. Por exemplo, as palavras **senhora, esposa, mulher** denotam praticamente a mesma coisa, mas têm conteúdos conotativos diversos, principalmente se pensarmos no prestígio que cada uma delas evoca.

Desta maneira, podemos dizer que os sentidos das palavras compreendem duas ordens: **referencial ou denotativa** e **afetiva ou conotativa**.

A palavra tem **valor referencial** ou **denotativo** quando é tomada no seu sentido usual ou literal, isto é, naquele que lhe atribuem os dicionários; seu sentido é objetivo, explícito, constante. Ela designa ou denota determinado objeto, referindo-se à realidade palpável.

**Denotação** é a significação objetiva da palavra; é a palavra em "estado de dicionário"

Além do sentido referencial, literal, cada palavra remete a inúmeros outros sentidos, virtuais, **conotativos**, que são apenas sugeridos, evocando outras ideias associadas, de ordem abstrata, subjetiva.

**Conotação** é a significação subjetiva da palavra; ocorre quando a palavra evoca outras realidades por associações que ela provoca

O quadro abaixo sintetiza as diferenças fundamentais entre denotação e conotação:

<b>DENOTAÇÃO</b>	<b>CONOTAÇÃO</b>
palavra com significação restrita	palavra com significação ampla

palavra com sentido comum do dicionário	palavra cujos sentidos extrapolam o sentido comum
palavra usada de modo automatizado	palavra usada de modo criativo
linguagem comum	linguagem rica e expressiva

• **Exemplos de conotação e denotação (textos 1 e 2)**

Para exemplificar, de maneira simples e clara, estes dois conceitos, vamos tomar a palavra cão: terá um sentido denotativo quando designar o animal mamífero quadrúpede canino; terá um sentido conotativo quando expressar o desprezo que desperta em nós uma pessoa sem caráter ou extremamente servil.

*(Otto M. Garcia, 1973)*

Nas receitas abaixo, as palavras têm, na primeira, um sentido objetivo, explícito, constante; foram usadas denotativamente. Na segunda, apresentam múltiplos sentidos, foram usadas conotativamente. Observa-se que os verbos que ocorrem tanto em uma quanto em outra - dissolver, cortar, juntar, servir, retirar, reservar - são aqueles que costumam ocorrer nas receitas; entretanto, o que faz a diferença são as palavras com as quais os verbos combinam, combinações esperadas no **texto 1**, combinações inusitadas no **texto 2**.

<b>TEXTO I</b>	<b>TEXTO II</b>
<p>Bolo de arroz            3 xícaras de arroz            1 colher (sopa) de manteiga            1 gema            1 frango            1 cebola picada            1 colher (sopa) de molho inglês            1 colher (sopa) de farinha de trigo            1 xícara de creme de leite salsa picadinha            Prepare o arroz branco, bem solto.            Ao mesmo tempo, faça o frango ao molho, bem temperado e saboroso.            Quando pronto, retire os pedaços, desosse e desfie.            Reserve.            Quando o arroz estiver pronto, junte a gema, a manteiga, coloque numa forma de buraco e leve ao forno.            No caldo que sobrou do frango, junte a cebola, o molho inglês, a farinha de trigo e leve ao fogo para engrossar.            Retire do fogo e junte o creme de leite.            Vire o arroz, já assado, num prato.            Coloque o frango no meio e despeje por cima o molho.            Sirva quente.  <i>(Terezinha Terra)</i></p>	<p>Receita            Ingredientes            2 conflitos de gerações            4 esperanças perdidas            3 litros de sangue fervido            5 sonhos eróticos            2 canções dos beatles            Modo de preparar            Dissolva os sonhos eróticos nos dois litros de sangue fervido e deixe gelar seu coração.            Leve a mistura ao fogo, adicionando dois conflitos de gerações às esperanças perdidas.            Corte tudo em pedacinhos e repita com as canções dos beatles o mesmo processo usado com os sonhos eróticos, mas desta vez deixe ferver um pouco mais e mexa até dissolver.            Parte do sangue pode ser substituído por suco de groselha, mas os resultados não serão os mesmos.            Sirva o poema simples ou com ilusões.  <i>(Nicolas Behr)</i></p>

• **Exemplo de texto denotativo (texto 3)**

Os textos **informativos (científicos e jornalísticos)**, por serem, em geral, objetivos, prendem-se ao sentido denotativo das palavras. Vejamos o texto abaixo, em que a linguagem está estruturada em expressões comuns, com um sentido único.

**Texto 3 - texto técnico-científico**

**Canibalismo entre insetos**

Seres que nascem na cabeça de outros e que consomem progressivamente o corpo destes até aniquilá-los, ao atingir o estágio adulto. ...Esse é um enredo que mais parece de ficção científica. No entanto, acontece desde a pré-história, tendo como protagonistas as vespas de certas espécies e as paquinhas, e é um exemplo da curiosa

relação dos “inimigos naturais”, aproveitada pelo homem no controle biológico de pragas, para substituir com muitas vantagens os inseticidas químicos.  
*(Revista Ciência Hoje, nº 104, outubro de 1994, Rio, SBPC)*

### c) Exemplo de texto conotativo (texto 4)

Além dos poetas, **os humoristas e os publicitários** fazem um amplo uso das palavras no seu sentido **conotativo**, o que contribui para que os **anúncios** despertem a atenção dos prováveis consumidores e para que o dito humorístico atinja o seu objetivo de fazer rir, às vezes até com uma certa dose de ironia. Por exemplo, na propaganda de um “shopping”, foi usada a seguinte frase:

#### Texto 4 - propaganda

O Rio Design Center acaba de ganhar um novo piso.  
 Marmoleum  
 o piso natural  
*(Revista Veja Rio, maio/junho,96)*

O anúncio tem aí um duplo sentido, pois transmite duas informações:

1. O Rio Design Center ganhou uma nova loja - PAVIMENTO SUPERIOR - onde estão à venda pisos especiais;
2. Nesta loja é possível encontrar o material para piso, importado da Holanda, que se chama Marmoleum.

Na frase que fecha o anúncio, desfaz-se a ambiguidade: "Venha até **a** (ao invés de **o**) Pavimento Superior e confira esta e outras novidades de revestimentos para pisos". Mas a frase de abertura faz pensar em outros sentidos: o centro comercial ganhou um novo andar, um novo pavimento, ou ganhou um revestimento novo em todo o seu piso, em todo o seu chão.

### d) Exemplo de conotação

Os **provérbios ou ditos populares** são também um outro exemplo de exploração da linguagem no seu uso conotativo. Assim, "**Quem está na chuva é para se molhar**" equivale a "*Quando alguém opta por uma determinada experiência, deve assumir todas as regras e conseqüências decorrentes dessa experiência*". Do mesmo modo, "**Casa de ferreiro, espeto de pau**" significa *O que a pessoa faz fora de casa, para os outros, não faz em casa, para si mesma.*

A respeito de **conotação**, Othon M. Garcia (1973) observa: "*Conotação implica, portanto, em relação à coisa designada, um estado de espírito, uma opinião, um juízo, um sentimento, que variam conforme a experiência, o temperamento, a sensibilidade, a cultura e os hábitos do falante ou ouvinte, do autor ou leitor. Conotação é, assim, uma espécie de emanção semântica, possível graças à faculdade que nos permite relacionar coisas análogas ou semelhantes. Esse é, em essência, o traço característico do **processo metafórico**, pois metaforização é conotação*".

#### **Veja uma questão de semântica de estilo tradicional:**

Em "*Volta-se de um amor, escreve um humorista*", a palavra destacada possui o sufixo "**ista**", que significa

- a) ação ou resultado dela
- b) estado.
- c) ocupação, ofício.
- d) modo de proceder.
- e) doutrina ou sistema.

**(Resposta.: C)**

#### **Agora, veja uma questão de semântica típica de uma prova inovadora:**

A notícia e o comentário a seguir deixam claro que nem sempre podemos nos limitar á interpretação literal (isto é, "**ao pé da letra**") das palavras:

## Demora

**“O Ministério da Saúde calcula que em janeiro já poderá deflagrar o programa emergencial de saúde para os ianomani, em Rondônia. Até lá os mosquitos transmissores da malária estão proibidos de picar os índios.”**

*(Folha de S. Paulo, "Painel")*

a) Identifique e transcreva a passagem que, no texto. Não deve ser interpretada literalmente.

**R.:** "Até lá os mosquitos transmissores da malária estão proibidos de picar os índios"

b) Explique por que a inclusão dessa passagem deixa clara a posição crítica e irônica do jornal com relação aos prazos propostos pelo Ministério da Saúde para começar a resolver o problema da malária entre os índios.

**R.:** A ironia consiste na significação absurda de decretar uma proibição aos mosquitos picar os índios até janeiro. O jornal toma essa posição crítica e irônica porque, se o programa de saúde para os ianomani era emergencial, ele deveria ser aplicado imediatamente, já que não é possível controlar por meio de decreto o ataque de mosquitos.

Devemos, então, ter maior rigor e precisão na escolha dos vocábulos quando vamos utilizar a linguagem escrita, já que o destinatário não está presente no momento da comunicação.

Você já imaginou a confusão que causaria uma comunicação no "Diário Oficial" dizendo que "as datas de um concurso para o Ministério Público foram ratificadas" (confirmadas), se a intenção fosse comunicar aos interessados que houvera "retificação" (modificação) do calendário previsto? Certamente milhares de pessoas se mobilizariam em vão.

A escolha inadequada do vocabulário pode trazer muitos problemas a um texto, tornando passagens incompreensíveis ou mesmo permitindo interpretações errôneas como no exemplo acima, onde se trocou uma palavra por outra. Pode ocorrer inadequação ainda por uma falsa associação de sentidos (como usar "florescente" em lugar de "fluorescente") ou pelo desconhecimento do verdadeiro sentido da palavra.

Existem, em nossa língua, muitas palavras e expressões que dão margem a confusão, podendo, muitas vezes, serem tomadas por outras semelhantes.

**Vejam algumas das expressões que são semelhantes apenas na forma:**

- **Há pouco / a pouco**

Paulo saiu há pouco. (**ação passada = faz pouco tempo**)

Paulo virá daqui a pouco. (**ação futura**) Há pouco arroz na geladeira ( = **existe**)

- **Ao encontro de / de encontro a**

Os governantes deveriam ir ao encontro das necessidades do povo. (**conformidade, acordo**).

Os aumentos inflacionários vêm de encontro a nossas expectativas. (**oposição, conflito**).

- **Senão / se não**

- Se não chover, irei à praia. (= **Caso não chova**)

- Apresse-se, senão perderemos a festa. (= **caso contrário**)

- Não fazia nada, senão chorar. (= **exceto, a não ser**)

- Não estou aqui senão para ajuda-lo (= **a não ser**)

- Havia apenas um senão no texto. (= **falha, defeito**)

- **Nenhum / nem um**

Quando falamos, essas duas expressões soam praticamente da mesma forma. Ao escreve-las, porém, devemos observar certas distinções:

- Entrou na casa sem que nenhum morador o notasse. (**antônimo de algum**)

- Nem um morador do prédio o cumprimenta. (= **nem um sequer, nem um único, opõe-se a muitos**).

Vejam, agora, algumas palavras e expressões usadas inadequadamente:

- **Como por exemplo**

Não há necessidade de usarmos juntas as duas expressões, pois **como** já implica a ideia de que se vai apresentar um exemplo. Portanto, já que elas são equivalentes, não convém que andem juntas.

- **Que nem**

Esta é uma expressão própria da oralidade. Na linguagem escrita, nas orações comparativas, substitua-a por **como** ou **igual a**.

- Você é igual a mim. (E não "**é que nem eu**")
- É inteligente como o pai. (E não "**que nem o pai**")

- **Por causa que**

Nunca use essa expressão. Use **porque**, antecedendo orações, ou **por causa de**, antecedendo termos da oração.

- Não saí por causa da chuva. (E não "**por causa de que chovia**")

- **Afim / a fim de**

A expressão **estar a fim de**, no sentido de **desejar, estar com vontade de**, só deve figurar em textos que usam a linguagem **coloquial** ou na **linguagem falada**.

- Estou a fim de sair.

Na linguagem **formal**, usa-se **afim (= semelhante / ou a fim de (= para))**.

- Procurei-o **a fim de** conseguir o emprego.

## Como ler e entender bem um texto

O homem usa a língua porque vive em comunidades, nas quais tem necessidade de se comunicar, de estabelecer relações dos mais variados tipos, de obter deles reações ou comportamentos, interagindo socialmente por meio do seu discurso.

Basicamente, deve-se alcançar a dois níveis de leitura: a **informativa e de reconhecimento** e a **interpretativa**. A primeira deve ser feita de maneira cautelosa por ser o primeiro contato com o novo texto. Desta leitura, extraem-se informações sobre o conteúdo abordado e prepara-se o próximo nível de leitura. Durante a interpretação propriamente dita, cabe destacar palavras-chave, passagens importantes, bem como usar uma palavra para resumir a ideia central de cada parágrafo. Este tipo de procedimento aguça a memória visual, favorecendo o entendimento.

Não se pode desconsiderar que, embora a interpretação seja subjetiva, há limites. A preocupação deve ser a captação da essência do texto, a fim de responder às interpretações que a banca considerou como pertinentes.

No caso de textos literários, é preciso conhecer a ligação daquele texto com outras formas de cultura, outros textos e manifestações de arte da época em que o autor viveu. Se não houver esta visão global dos momentos literários e dos escritores, a interpretação pode ficar comprometida. Aqui não se podem dispensar as dicas que aparecem na referência bibliográfica da fonte e na identificação do autor.

A última fase da interpretação concentra-se nas perguntas e opções de resposta. Aqui são fundamentais marcações de palavras como **não, exceto, errada, respectivamente** etc. que fazem diferença na escolha adequada. Muitas vezes, em interpretação, trabalha-se com o conceito do "mais adequado", isto é, o que responde melhor ao questionamento proposto. Por isso, uma resposta pode estar certa para responder à pergunta, mas não ser a adotada como gabarito pela banca examinadora por haver uma outra alternativa mais completa.

Ainda cabe ressaltar que algumas questões apresentam um fragmento do texto transcrito para ser a base de análise. Nunca deixe de retornar ao texto, mesmo que aparentemente pareça ser perda de tempo. A descontextualização de palavras ou frases, certas vezes, são também um recurso para instaurar a dúvida no candidato. Leia a frase anterior e a posterior para ter ideia do sentido global proposto pelo autor, desta maneira a resposta será mais consciente e segura.

Podemos, tranquilamente, ser bem-sucedidos numa interpretação de texto. Para isso, devemos observar o seguinte:

3. Ler todo o texto, procurando ter uma visão geral do assunto;
4. Se encontrar palavras desconhecidas, não interrompa a leitura, vá até o fim, ininterruptamente;



5. Ler, ler bem, ler profundamente, ou seja, ler o texto pelo menos umas três vezes ou mais;
6. Ler com perspicácia, sutileza, malícia nas entrelinhas;
7. Voltar ao texto tantas quantas vezes precisar;
8. Não permitir que prevaleçam suas ideias sobre as do autor;
9. Partir o texto em pedaços (parágrafos, partes) para melhor compreensão;
10. Centralizar cada questão ao pedaço (parágrafo, parte) do texto correspondente;
11. Verificar, com atenção e cuidado, o enunciado de cada questão;
12. Cuidado com os vocábulos: destoar (= diferente de ...), não, correta, incorreta, certa, errada, falsa, verdadeira, exceto, e outras; palavras que aparecem nas perguntas e que, às vezes, dificultam a entender o que se perguntou e o que se pediu;
13. Quando duas alternativas lhe parecem corretas, procurar a mais exata ou a mais completa;
14. Quando o autor apenas sugerir ideia, procurar um fundamento de lógica objetiva;
15. Cuidado com as questões voltadas para dados superficiais;
16. Não se deve procurar a verdade exata dentro daquela resposta, mas a opção que melhor se enquadre no sentido do texto;
17. Às vezes a etimologia ou a semelhança das palavras denuncia a resposta;
18. Procure estabelecer quais foram as opiniões expostas pelo autor, definindo o tema e a mensagem;
19. O autor defende ideias e você deve percebê-las;
20. Os adjuntos adverbiais e os predicativos do sujeito são importantíssimos na interpretação do texto.

**Exemplo:** Ele morreu de fome.

**de fome:** adjunto adverbial de causa, determina a causa na realização do fato (= morte de "ele").

**Exemplo:** Ele morreu faminto.

**faminto:** predicativo do sujeito, é o estado em que "ele" se encontrava quando morreu.;

21. As orações coordenadas não têm oração principal, apenas as ideias - as estão coordenadas entre si; Os adjetivos ligados a um substantivo vão dar a ele maior clareza de expressão, aumentando-lhe ou determinando-lhe o significado.

## Elementos Constitutivos do Texto

Narração / Descrição / Descrição e Narração / Dissertação / Argumentação

### Narração (o texto narrativo)

A narração se caracteriza, essencialmente, *pelo dinâmico, pela ação*. Sempre é realizada sobre fatos de caráter dinâmico, onde o verbo predomina.

É o relato das circunstâncias de um fato. Todo relato de fatos envolve:

- um narrador na 1º ou 3º pessoa;
- apresentação dos fatos em ordem cronológica ou de importância das circunstâncias que o envolveram.

A caracterização é a fala dos personagens.

O narrador é aquele através do qual a história nos chega; por isso, acaba por impor condições para o desenvolvimento dos demais elementos narrativos. Sabemos que, por exemplo, um narrador-personagem (aquele que narra em primeira pessoa e está, de alguma maneira, envolvido na história que conta) não tem, a princípio, acesso ao mundo interior das outras personagens, não possui um conhecimento pleno sobre a totalidade dos seres que participam de sua história. Se por acaso, um narrador personagem passar mais informações que as possíveis para o seu "foco", o leitor pode, imediatamente, desconfiar da veracidade do narrado, questionar o narrador (a não ser que o personagem tenha sido construído como um mentiroso salafário...) e, mais ainda, apontar um problema de incoerência textual.

Todo assunto deve ter **começo** (prólogo), **meio** (trama) e **fim** (epílogo).

Quando o narrador está em 1º pessoa ele narra sua própria história, tornando-se o centro das atenções.

**Exemplo:** *"Eu quisera ser poeta, Ou compositor de hino, E num linguajar cristalino, Só fazer versos perfeitos, Porém, eu tenho esse defeito.*

Quando o narrador está em 3º pessoa, ele relata a história de outra pessoa ou coisa, estando completamente fora da história, servindo apenas como interlocutor.

**Exemplo:** *"Os romeiros sobem a ladeira, cheia de espinhos, cheia de pedras. Sobem a ladeira que levam a Deus, e vão cantando louvores pelo caminho."*

A ordem dos fatos em toda a história se desenrola em duas coordenadas: **tempo** e **espaço**.

- **tempo**: pode ser cronológico, quando os fatos são narrados na mesma ordem em que eles se dão no mundo real e há uma narrativa linear (com/meio/fim); ou psicológico, quando nós nos envolvemos em um tempo que flui dentro de nós independentemente do relógio. Para a personagem, um minuto pode parecer uma eternidade ou uma vida eterna pode ser sentida num instante.

Uma outra característica que merece ser destacada é a que diz respeito ao próprio ritmo da narrativa.

Sabemos que os acontecimentos podem ser narrados conforme uma estruturação de temporalidade sequencial (os fatos seguem-se uns aos outros, na medida em que aconteceram, ou acontecem) ou rompendo-se essa estruturação através de flashbacks (retrospectivas) e de flashforwards (antecipações).

- **espaço pode ser**:

**físico**; lugar material (externo), onde se passam os fatos: rua, casa, cidade, etc.;

**social**; aglomerado de pessoas com objetivos comuns, ou seja, onde os indivíduos se congregam para fins sociais: cinema, sala de aula, baile.

## Discurso direto e indireto

O **discurso direto** identifica-se com a fala dos personagens, quando o narrador está falando e transfere suas falas às personagens, nesse momento as personagens assumem o fio da narrativa. Ocorre a introdução do verbo dizer e outros sinônimos, e dos sinais específicos de pontuação (-:).

**Exemplo**: *O menino disse: - Hoje não quero ir à escola.*

*A mãe retrucou: - Não posso aceitar que você não vá.*

No **discurso indireto**, só o narrador fala pelos personagens. Os sinais de pontuação são trocados pela conjunção que, conservando-se o verbo dizer ou seus sinônimos.

**Exemplo**: *O menino disse que não queria ir à escola, a mãe retrucou que não poderia aceitar que ele não fosse.*

*Na passagem do discurso direto para o indireto*, os verbos que estão no presente vão para o passado, os que estão no passado vão para o mais-que-perfeito, "isto aqui" vira "aquilo lá" e "esta" vira "aquela".

*Na passagem do indireto para o direto*, fazemos o caminho contrário.

**Veja alguns exemplos:**

**Do direto para o indireto:**

*- A chuva veio logo, disse ele.*

*Ele disse que a chuva vinha logo.*

*- Estas memórias vão dar o que falar - admitia esfregando as mãos contentes, ao reler esses lances inéditos. Admitia esfregando as mãos contentes, ao reler aqueles lances inéditos, que aquelas memórias iam dar o que falar.*

**Do indireto para o direto:**

O marido perguntou se Diva queria café no quarto.

O marido perguntou:

*- Quer café no quarto, Diva?*

Rodrigo perguntou se tu falaste com o Dr. Brandão.

Rodrigo perguntou:

*- Falaste com o Dr. Brandão?*

Policarpo Quaresma me perguntou como ia a família.

Policarpo Quaresma me perguntou:

*- Como vai a família?*

## Verbos de elocução

**Observe o verbo grifado:**

*O pai chamou Carlinhos e perguntou:*

*- Quem quebrou o vidro, meu filho?*

**Observe :**



- A) O pedreiro disse que estava à disposição.  
 B). O pedreiro disse: Estou à disposição.

**Transformamos:**

A - discurso indireto em B - discurso direto. Faça o mesmo:

**Observe:**

- A) *Intrigado o pai perguntou ao filho:  
 Você viu ontem uma carteira em cima desta mesa?*  
 B) *Intrigado o pai perguntou ao filho se ele vira, no dia anterior, uma carteira em cima daquela mesa.*

**Transformamos:** A - discurso direto em B - discurso indireto.

O narrador empregou o verbo *perguntar* para indicar a personagem a que pertence a fala. Denomina-se verbo de elocução (verbos dicendi).

Veja agora uma relação dos principais verbos de elocução:

dizer (afirmar, declarar)	exclamar (gritar, bradar)
perguntar (indagar, interrogar)	pedir (solicitar, rogar)
responder ( retrucar, replicar)	exortar (aconselhar)
contestar (negar, objetar)	ordenar (mandar, determinar)

Além desses verbos de sentido geral, existem outros, mais amplos. **Veja alguns:**

<i>sussurar</i>	<i>cochichar</i>	<i>sugerir</i>	<i>soluçar</i>
<i>murmurar</i>	<i>segredar</i>	<i>comentar</i>	<i>propor</i>
<i>balbuciar</i>	<i>esclarecer</i>	<i>convidar</i>	<i>cumprimentar</i>
<i>repetir</i>	<i>estranhar</i>	<i>insistir</i>	<i>prossequir</i>
<i>continuar</i>	<i>ajuntar</i>	<i>acrescentar</i>	<i>concordar</i>
<i>consentir</i>	<i>anuir</i>	<i>intervir</i>	<i>repetir</i>
<i>rosnar</i>	<i>berrar</i>	<i>protestar</i>	<i>contrapor</i>
<i>desculpar</i>	<i>justificar-se</i>	<i>suspirar</i>	<i>rir, etc.</i>

**Pontuação no discurso direto**

A fala da personagem, no discurso direto, deve vir disposta em parágrafo e introduzida por travessão. Virou-se para o pai e aconselhou:

Papai, esse menino do vizinho é um subversivo desgraçado.

Os verbos de elocução são pontuados de acordo com sua posição.

**1ª posição**

- **antes da fala** - separa-se por dois pontos:

O pai chamou Pedrinho e perguntou: Quem quebrou o vidro, meu filho?

**2ª posição**

- **depois da fala** - separa-se por travessão ou vírgula:

Agora você se chama Teresinha, disse me beijando a face.  
 Agora você se chama Teresinha - disse me beijando a face.

**3ª posição**

- **no meio da fala** - separa-se por travessão ou vírgula:

A Sociedade - afirmava Simão - tem obrigação de fazer o enterro.

Nesse dia, observou Luís Garcia sorrindo levemente, há de ser tão sincera como hoje.

*(Machado de Assis)*

Numa narrativa, nem sempre os verbos de elocução estão expressos. Costuma-se omiti-los principalmente em falas curtas ou para traduzir tensão psicológica das personagens.

### **Utilização do discurso direto na produção de um texto.**

Seleção das falas mais significativas, isto é, as falas pertinentes ao conflito básico vivido pelas personagens. Não se deve ter a pretensão de retratar fielmente a realidade, relatando tudo o que as personagens poderiam ter dito.

Adequação das falas ao nível cultural das personagens e principalmente ao registro linguístico.

### **Discurso indireto**

Apostilas Cds Objetiva

Estabelece-se o discurso indireto, quando o narrador, em vez de deixar a personagem falar, reproduz com suas palavras o que foi dito,

**Exemplo:** *Chamou um moleque e bradou-lhe que fosse à casa do Sr. João Carneiro chamá-lo, já e já; e se não estivesse em casa, perguntasse onde podia ser encontrado (...)*

*(Machado de Assis)*

Se o narrador reproduzisse diretamente a fala da personagem, a construção do texto seria assim:

Chamou um moleque e bradou-lhe:

*Vá a casa do Sr. João Carneiro chamá-lo, já e já; e se não estiver em casa, pergunte onde pode ser encontrado.*

No discurso indireto, também podem estar presentes **verbos dicendi**, mas seguidos de orações substantivas, geralmente iniciadas com a conjunção **que** ou **se**.

Na passagem do discurso direto para o indireto ou vice-versa, importa observar algumas transformações importantes:

#### **discurso direto: primeira pessoa**

Eles perguntaram: - O que devemos fazer?

- 1) Discurso indireto: terceira pessoa
- 2) Eles perguntaram o que deviam fazer.

#### **discurso direto: imperativo**

O professor ordenou: - Façam o exercício!

- 1) Discurso indireto: pretérito imperfeito do subjuntivo
- 2) O professor ordenou que fizéssemos o exercício.

#### **discurso direto: futuro do presente**

A enfermeira explicou: - Com o medicamento, a criança dormirá calmamente

#### **discurso indireto: futuro do pretérito**

A enfermeira explicou que, com o medicamento, a criança dormiria calmamente.

#### **discurso direto: presente do indicativo**

Ela me perguntou: - A quem devo entregar o trabalho?

- 1) Discurso indireto: pretérito imperfeito do indicativo
- 2) Ela me perguntou a quem devia entregar o trabalho.

#### **discurso direto: pretérito perfeito**

Ele disse: - Estive na escola e falei com o diretor.

Discurso indireto: pretérito mais-que-perfeito

Ele disse que estivera na escola e falara com o diretor.

Apostilas Cds Objetiva

### **Discurso indireto livre**

Às vezes, no entanto, as falas do narrador e da personagem parecem confundir-se numa só, sem que se saiba claramente a quem elas pertencem. Trata-se, neste caso, do discurso indireto livre. Observe, por exemplo, esta passagem de Graciliano Ramos, extraída do romance *Vidas secas*:

*O suor umedeceu-lhe as mãos duras. Então? Suando com medo de uma peste que se escondia tremendo?*

Note que a primeira frase pertence ao narrador, porém as interrogações são da personagem; entretanto, não há indicações dessa mudança através de **verbos dicendi**, o que exclui também as conjunções integrantes. Assim, a narrativa se torna mais fluente, aproximando mais narrador e personagem.

## Monólogo

O monólogo, constitui, fundamentalmente, o registro das divagações interiores. Pode ser uma narrativa ou um simples relato, o qual pode ter a forma de um acontecimento determinado ou de análise do acontecimento, das relações lógicas ou causais aí implicadas.

O monólogo é sempre, apesar do termo, uma linguagem dirigida a um interlocutor vivo; as reações deste permitem a correção no curso da alocução. Em alguns casos, o monólogo pode passar a ser uma forma encoberta de linguagem coloquial e ser regulada de fora. As duas formas também possuem, além dos meios de codificação verbais, uma série de elementos expressivos complementares ou "marcadores" (prosódicos, mímica e gestos expressivos), que pontuam diferentemente recursos sintáticos que podem ser semelhantes ou idênticos. Além disto, as duas formas permitem, em certa medida, que a estrutura gramatical da enunciação fique incompleta (elipse), de tal forma que o monólogo se aproxime estruturalmente do diálogo.

O texto apresenta o registro de um monólogo do narrador-personagem. Leia-o atentamente.

*Alguns dias depois achava-me no banheiro, nu, fumando, fantasiando maluqueiras, o que sempre me acontece. Fico assim duas horas, sentado no cimento. Tomo uma xícara de café às seis horas e entro no banheiro. Saio às oito. Visto-me à pressa e corro para a repartição. Enquanto estou ali fumando, nu, as pernas estiradas, dão-se grandes revoluções na minha vida. Faço um livro notável, um romance. Os jornais gritam, uns me atacam, outros me defendem. O diretor olha-me com raiva, mas sei perfeitamente que aquilo é ciúme e não me incomoda. Vou crescer muito. Quando o homem me repreender por causa da informação errada, compreenderei que se zanga porque o meu livro é comentado nas cidades grandes. E ouvirei as censuras, resignado. Um sujeito me dirá:*

*Meus parabéns, seu Silva. O senhor escreveu uma obra excelente. Está aqui a opinião dos críticos. Muito obrigado, doutor.*

*Abro a torneira, molho os pés. Às vezes passo uma semana compondo esse livro que vai ter grande êxito e acaba traduzido em línguas distantes. Mas isto me enerva. Ando no mundo da lua. Quando saio de casa, não vejo os conhecidos. Chego atrasado à repartição. Escrevo omitindo palavras, e se alguém me fala, acontecimento responder verdadeiros contrassensos. Para limitar-me às práticas ordinárias, necessito esforço enorme, e isto é doloroso. Não consigo voltar a ser o Luís da Silva de todos os dias. Olham-me surpreendidos: naturalmente digo tolices, sinto que tenho um ar apalermado. Tento reprimir estas crises de megalomania, luto desesperadamente para afastá-las. Não me dão prazer: excitam-me e abatem-me. Felizmente passam-se meses sem que isto me apareça.*

*De ordinário fico no banheiro, sentado, sem pensar, ou pensando em muitas coisas diversas umas das outras, com os pés na água, fumando, perfeitamente Luís da Silva. Uma formiga que surge traz-me quantidade enorme de recordações, tudo quanto li em almanaques sobre insetos. Agora não há nenhum livro traduzido, nenhuma vaidade. Olho a formiga. Quando ela vai entrar no formigueiro, trago-a para perto de mim, faço no chão um círculo com o dedo molhado, deixo-a numa ilha, sem poder escapular-se. Observo-a e penso nos costumes dela, que vi nos almanaques.*

**Graciliano Ramos. Angústia.**

## Descrição (o texto descritivo)

O ato de descrever requer alguns fatores básicos, como: *percepção, análise, classificação*. Descrever é traduzir em palavras, minuciosamente, um determinado objeto. A natureza da descrição é estática. Não se faz à base da ação, mas sim à base do estado do objeto. Todo o trabalho descritivo deve ser precedido de um levantamento de dados por parte do observador do objeto.

Pode ser definida também como a definição de um objeto ou pessoa, através da exploração dos aspectos que

caracterizam esse objeto ou pessoa.

**Exemplo:** " ... um cara gordo, bem gordo, com a barriga saindo fora da cinta, paletozão largo, chapéu, e um revólver pequeno no coldre ... ".

*Jerônimo era alto, espadaúdo, construção de touro, pescoço de Hércules, punho de quebrar um coco com um murro: era a força tranquila, o pulso de chumbo. O outro, franzino, um palmo mais baixo que o português, pernas e braços secos, agilidade de maracajá: era a força nervosa; era o arrebatamento que tudo desbarata no sobressalto do primeiro instante. Um, sólido e resistente; o outro, ligeiro e destemido; mas ambos corajosos.*

Nesse texto, extraído do romance O cortiço, Aluísio Azevedo selecionou determinados detalhes das personagens suficientes para caracterizar e sugerir ao leitor a **força bruta** de Jerônimo e a **agilidade** de Firmo. As demais características físicas que compõem essas personagens (olhos, rosto, cabelo, peito, pernas, etc.) são articuladas pela imaginação do leitor. Podemos dizer que o autor, diante da realidade física ou psicológica que está sendo descrita, coloca apenas as peças fundamentais de um quebra-cabeça, deixando as demais peças para serem preenchidas pela imaginação do leitor.

### **A descrição como enriquecimento da narração**

A descrição constitui um excelente recurso a ser utilizado dentro de um texto narrativo. Podemos dizer inclusive que será ela a responsável pela vitalidade e expressividade da narrativa. Ela consegue criar toda a atmosfera dramática e afetiva do texto e é através dela que o narrador penetra na alma da personagem. Observe, no texto seguinte, a presença da descrição dentro da narrativa.

*Maria Irma escutou-me, séria. A boquinha era quase linear; os olhos tinham fundo, fogo, luz e mistério, e tonteava-me ainda mais o negrume encapelado dos cabelos. Quando eu ia repetir meu amor pela terceira vez, ela, com voz tênue como cascata de orvalho, de folha em flor e flor em folha, respondeu-me:*

*- Em todos os outros que me disseram isso, eu acreditei... Só em você é que eu não posso, não consigo acreditar...*

**Guimarães Rosa, Minha gente**

Esse trecho perderá toda a atmosfera psicológica **se omitirmos os trechos descritivos:**

*Maria Irma escutou-me. Quando eu ia repetir meu amor pela terceira vez, ela respondeu-me:*

*- Em todos os outros que me disseram isso, eu acreditei... Só em você é que eu não posso, não consigo acreditar...*

### **1- Fornecemos, a seguir, alguns trechos descritivos.**

Com base nos aspectos selecionados pelo autor, informe qual a impressão básica que cada um deles transmite:

Apostilas Cds Objetiva

(1) beleza	(3) ironia	(5) bisbilhotice
(2) sensualidade	(4) introspecção	

**a)** *Mas a repolhuda moça não se conformava com aquela desgraça. Vivia triste. As banhas cresciam-lhe cada vez mais; estava vermelha; cansava por cinco passos. Era um desgosto sério! Recorria a vinagre; dava-se a longos exercícios pela varanda; mas qual! - as enxúndias aumentavam sempre. Lindoca estava cada vez mais redonda, mais boleada; estremecia cada vez mais com o seu peso; os olhos desapareciam-lhe na abundância das bochechas; o seu nariz parecia um lombinho; as suas costas, uma almofada. Bufava.*  
**Aluísio Azevedo, O mulato.**

**b)** *Olívia era atraente, tinha uns olhos quentes, uma boca vermelha de lábios cheios.*  
**Érico Veríssimo, Olhai os lírios do campo.**

**c)** *Chegando à rua, arrependi-me de ter saído. A baronesa era uma das pessoas que mais desconfiavam de nós. Cinquenta e cinco anos, que pareciam quarenta, macia, risonha, vestígios de beleza, porte elegante e maneiras finas. Não falava muito nem sempre; possuía a grande arte de escutar os outros, espiando-os; reclinava-se então na cadeira, desembainhava um olhar afiado e comprido, e deixava-se estar. Os outros,*

*não sabendo o que era, falavam, olhavam, gesticulavam, ao tempo que ela olhava só, ora fixa, ora móbil, levando a astúcia ao ponto de olhar às vezes para dentro de si, porque deixava cair as pálpebras; mas, como as pestanas eram rótulas, o olhar continuava o seu ofício, remexendo a alma e a vida dos outros.*

**Machado de Assis, Memórias póstumas de Brás Cubas.**

- d)** *As senhoras casadas eram bonitas; a mesma solteira não devia ter sido feia, aos vinte e cinco anos; mas Sofia primava entre todas elas.*

*Não seria tudo o que o nosso amigo sentia, mas era muito. Era daquela casta de mulheres que o tempo, como um escultor vagaroso, não acaba logo, e vai polindo ao passar dos longos dias. Essas esculturas lentas são miraculosas; Sofia rastejava os vinte e oito anos; estava mais bela que aos vinte e sete; era de supor que só aos trinta desse o escultor os últimos retoques, se não quisesse prolongar ainda o trabalho, por dois ou três anos.*

*Os olhos, por exemplo, não são os mesmos da estrada de ferro, quando o nosso Rubião falava com a Palha, e eles iam sublinhando a conversação... Agora, parecem mais negros, e já não sublinham nada; compõem logo as cousas, por si mesmos, em letra vistosa e gorda, e não é uma linha nem duas, são capítulos inteiros. A boca parece mais fresca. Ombros, mãos, braços, são melhores, e ela ainda os faz ótimos por meio de atitudes e gestos escolhidos. Uma feição que a dona nunca pôde suportar, - cousa que o próprio Rubião achou a princípio que destoava do resto da cara, - o excesso de sobranceiras, - isso mesmo, sem ter diminuído, como que lhe dá ao todo um aspecto mui particular.*

*Traja bem; comprime a cintura e o tronco no corpinho de lã fina cor de castanha, obra simples, e traz nas orelhas duas pérolas verdadeiras - mimo que o nosso Rubião lhe deu pela Páscoa.*

**Machado de Assis, Quincas Borba**

- e)** *Tinha quinze anos e não era bonita. Mas por dentro da magreza, a vastidão quase majestosa em que se movia como dentro de uma meditação. E dentro da nebulosidade algo precioso. Que não se espreguiçava, não se comprometia, não se contaminava. Que era intenso como uma joia. Ela.*

**Clarice Lispector, Laços de família.**

## **2- Destaque, no texto abaixo, as passagens descritivas.**

- a)** *Inesperadamente reaparece o Silvino muito branco, com as suíças mais pretas, pelo contraste do medo.*

**Raul Pompéia, O Ateneu**

- b)** *Fechei-me no quarto. Pela janela aberta entrava um cheiro de mato misantropo. Debrucei-me.*

*Noite sem lua, concha sem pérola. Só silhueta de árvores. E um vaga-lume lanterneiro, que riscou um psiu de luz.*

**Guimarães Rosa, Sagarana**

- c)** *Sentada em uma mesa, a velha cafetina. Pintura pesada, boca vermelha, cabelo oxigenado, carnes moles.*

**Leonor Maria A. de Carvalho, aluna**

- d)** *Vieram tomar o menino da Senhora. Séria, mãe, moça dos olhos grandes, nem sequer era formosa; o filho, abaixo de ano, requeria seus afagos. Não deviam cumprir essa ação, para o marido, homem forçoso. Ela procedera mal, ele estava do lado da honra.*

**Guimarães Rosa, Tutaméia.**

- e)** *Enfim, num morrer de mês, voltei ao São Martinho. Entrei modificado, sério, de poucas falas. Evitei falar com Dona Lúcia. Foi até bom que Naninha mostrasse interesse por mim. Moça limpa, sem um dedal de pecado. Se a mulher de Frederico viesse com imposições, falando em passeios pelos matos, eu era muito Eduardo de Sá Meneses de mandar que comprasse um espelho.*

**José Cândido de Carvalho, Olha para o céu, Frederico**

## **3- Acrescente ao texto narrativo frases descritivas, na sequência que você julgar adequada.**

### **Trecho narrativo:**

***Uma tarde me chegou uma cabrocha me pedindo esmola para a mãe doente. Dei dois mil-réis. Voltou no outro dia, para falar não sei de quê.***

### **Frases descritivas:**

- a) *Tinha os olhos claros e umas feições admiráveis.*  
b) *O corpo era bem-feito.*

- c) Pequena.
- d) Os olhos, de um verde desmaiado, mas muito suja.
- e) Mexia com os quartos, quando andava.

**4- Releia o texto "d" da 1ª questão.  
O que o autor quis dizer com:**

- a) "Sofia rastejava os vinte e oito anos".
- b) "Era daquela casta de mulheres que o tempo..."
- c) "...era de supor que só aos trinta desse o escultor os últimos retoques..."

**5- Qual o objeto de cada uma das descrições a seguir?**

**Sublinhe as palavras que identificam os objetos, as noções ou os personagens descritos.**

a) *"Escurinho, de seus seis ou sete anos, não mais. Deitado de lado, braços dobrados como dois gravetos, as mãos protegendo a cabeça. Tinha os gambitos também encolhidos e enfiados dentro da camisa-de-meia esburacada, para se defender contra o frio da noite. Estava dormindo, como podia estar morto. Não era um ser humano, era um bicho, um saco de lixo mesmo, um traste inútil, abandonado sobre a calçada. Um menor abandonado."*

*(Fernando Sabino)*

b) *"Na noite de S. João, a fogueira armada em pirâmide apontando para alguma estrela; galhos, gravetos, e folhas amparadas por toras mais grossas. Por baixo de tudo, bolas de alcatrão e um leve cheiro de álcool antigo (se lhes parecer possível)."*

*(Gustavo Bernardo)*

c) *"Era um menino. Nem bonito nem feio; tem boca, orelhas, sexo e nariz no seu devido lugar, cinco dedos em cada mão e em cada pé. Realizou a grande temeridade de nascer e saiu-se bem da empreitada. Já enfrentou dez minutos de vida. Ainda traz consigo, nos olhinhos esgazeados, um resto de eternidade."*

*(Fernando Sabino)*

**Respostas/ Gabarito**

1-

a- (3)	b- (2)	c- (5)	d- (1)	e- (4)
--------	--------	--------	--------	--------

2-

- a) Muito branco, com as suíças pretas, pelo contraste do medo.
- b) Noite sem lua, concha sem pérola. Só silhueta de árvores. E um vaga-lume lanterneiro que riscou um psiu de luz.
- c) Pintura pesada, boca vermelha, cabelo oxigenado, carnes moles.
- d) Séria, mãe; moça de olhos grandes, nem sequer era formosa; abaixo de ano
- e) modificado, sério de poucas falas. Moça limpa, sem um dedal de pecado.

3-

Esse exercício admite várias soluções aceitáveis.

4-

**(com)**

- a) Sofia contava aproximadamente os 28 anos.

**(classe)**

- b) Era daquela linhagem de mulheres que o tempo...
- c) ...era de supor que só aos trinta atingiria o auge de sua beleza...

5-

Somente *não* sublinhe:

- a) ..."para se defender contra o frio da noite.  
... como podia estar morto.  
... abandonado sobre a calçada. Um..."
- b)..."Na noite de S. João, a ...(se lhes parecer possível)"
- c) "Realizou a grande temeridade de nascer e saiu-se muito bem da empreitada. Já enfrentou dez minutos de vida".



## Descrição e Narração

Para que fique claro, a diferença entre narração e descrição, vamos destacar dois momentos do texto:

**A)** *Jerônimo, esbravecido pelo insulto, cresceu para o adversário com um soco armado; o cabra, porém, deixou-se cair de costas, a perna direita levantada; e o soco passou por cima, varando o espaço, enquanto o português apanhava no ventre um pontapé desesperado.*

**B)** *Os instrumentos calaram-se logo. Fez-se um profundo silêncio. Ninguém se mexeu do lugar em que estava. E, no meio da grande roda, iluminados amplamente pelo capitoso luar de abril, os dois homens, perfilados defronte um do outro, olhavam-se em desafio.*

Nesses dois trechos, o narrador transmite aspectos da realidade. Há, porém, uma diferença na maneira como esses aspectos são captados.

No texto **A**, o autor captou determinados aspectos da realidade em seu dinamismo, transmitindo ao leitor a progressão dos fatos em seu desenvolvimento temporal. Essa forma de apresentar a realidade denomina-se **narração**.

No texto **B**, os aspectos da realidade captados pelo narrador acontecem ao mesmo tempo, são simultâneos. Não há entre eles qualquer marca temporal que indique progressão. Essa forma de apresentar a realidade denomina-se **descrição**.

A descrição capta a simultaneidade dos fatos e aspectos que compõe a realidade.

Poderíamos dizer que a **narração** está para o **cinema**, assim como a **descrição** está para a **fotografia**.

**1** - Informe, nos trechos seguintes, o processo utilizado pelo narrador:

**narração** ou **descrição**.

- a) *O outro erguera-se logo e, mal se tinha equilibrado, já uma rasteira o tombava para a direita, enquanto da esquerda ele recebia uma taponada na orelha. Furioso, desferiu novo soco, mas o capoeira deu para trás um salto de gato e o português sentiu um pontapé nos queixos.*
- b) *Jerônimo era alto, espadaúdo, construção de touro, pescoço de Hércules, punho de quebrar um coco com um murro: era a força tranquila, o pulso de chumbo. O outro, franzino, um palmo mais baixo que o português, pernas e braços secos, agilidade de maracajá: era a força nervosa; era o arrebato que tudo desbarata no sobressalto do primeiro instante. Um, sólido e resistente; o outro, ligeiro e destemido; mas ambos corajosos.*
- c) *Piedade berrava, reclamando polícia; tinha levado um troca-queixos do marido, porque insistia em tirá-lo da luta. As janelas do Miranda acumulavam-se de gente. Ouviam-se apitos, soprados com desespero.*
- d) *Mas, lá pelo meio do pagode, a baiana caíra na imprudência de derrear-se toda sobre o português e soprar-lhe um segredo, requebrando os olhos. Firme, de um salto, aprumou-se então defronte dele, medindo-o de alto a baixo com um olhar provocador e atrevido.*

**2** - Numa descrição, a ordenação dos fatos não é um fator determinante, por não haver entre eles progressividade. Você encontrará em cada item a seguir um conjunto de aspectos. Ordene-os na sequência que julgar adequada e componha um texto descritivo.

- a) Os olhos do gato riscam no escuro, verdes, demoníacos.
- b) A ladeira faz uma curva.
- c) As casas, velhas, tortas, desalinhadas, dormem.
- d) Os passos ecoam sinistros, secos, vagarosos.
- e) Nenhuma janela acesa, nenhuma luz pelas frinchas.
- f) Os lampiões silvam.

### Respostas / Gabarito:

**1-**

- a) narração    b) descrição    c) descrição    d) narração

2-

Deve se aceitar qualquer sequência, destacando-se:

- a) o aspecto que se pretende enfatizar
- b) o ritmo da sequência de fatos

## Dissertação (o texto dissertativo)

Consiste em tratar com desenvolvimento um ponto doutrinário. Para dissertar sobre algum assunto, é necessário planejamento e elaboração. Nem sempre exige pesquisas especializadas ou leituras profundas.

Na dissertação propriamente dita, não se verifica, como na narração, progressão temporal entre as frases e, na maioria das vezes, o objeto da dissertação é abstraído do tempo e do espaço.

Comumente, em provas de concursos ou nos exames vestibulares a dissertação exigida versa sobre tema genérico a respeito do qual uma pessoa mais ou menos informada possa escrever desde que seja possuidora de alguns conhecimentos básicos. Dentre eles, destacam-se dois fundamentais: conhecimento sobre o tema e habilidade de expressão escrita.

### - **conhecimento sobre o tema:**

Ao ler o tema exigido, a primeira coisa a fazer é elaborar um plano que dará segurança ao redator e firmeza sobre o que vai dissertar. É preferível escolher poucas ideias e bem argumentá-las a simplesmente constatar uma série de ideias sem argumentações coerentes. Seja qual for o tema, o espírito crítico do redator, quando evidenciado, deve revelar expressividade e inteligência.

### - **habilidade de escrita:**

O parágrafo é a unidade mínima do texto e deve apresentar: uma frase contendo a ideia principal (frase nuclear) e uma ou mais frases que explicitem tal ideia.

**Exemplo:** "A televisão mostra uma realidade idealizada (ideia central) porque oculta os problemas sociais realmente graves. (ideia secundária)

### 1- Exercício

**Desenvolva as ideias apresentadas, construindo frases adequadas:**

- a- Muitas pessoas que vivem em grandes cidades sonham com a vida no campo porque...
- b- O jornal pode ser um excelente meio de conscientização das pessoas, a não ser que ...
- c- As mulheres vêm conquistando um espaço cada vez maior na vida social e política de muitos países, no entanto...
- d- Muitas pessoas propõem a pena de morte como medida para conter a violência; outras, porém, ...
- e- Muita gente acha que arte é dispensável, mas ...
- f- Devemos lutar para a preservação do meio ambiente, pois ...
- g- O lazer é necessário ao homem, no entanto...
- h- Muitos são contra as pesquisas espaciais, porque ...
- i- Geralmente os alunos acham dificuldade em elaborar uma dissertação, pois ...

### 2- Exercício

Com base no exemplo, desenvolva as frases apresentadas, colocando argumentos que apoiem as ideias expressas:

**Exemplo:**

**ideia central** - A poluição atmosférica deve ser combatida urgentemente.

**Desenvolvimento** - A poluição atmosférica deve ser combatida urgentemente, pois a alta concentração de elementos tóxicos põe em risco a vida de milhares de pessoas, sobretudo daquelas que sofrem de problemas respiratórios.

- a- A propaganda intensiva de cigarros e bebidas tem levado muita gente ao vício.
- b- A televisão é um dos mais eficazes meios de comunicação criados pelo homem.
- c- A violência tem aumentado assustadoramente nas cidades e hoje parece claro que esse problema não pode ser resolvido apenas pela polícia.
- d- O diálogo entre pais e filhos parece estar em crise atualmente.
- e- O problema dos sem-terra preocupa cada vez mais a sociedade brasileira.

## Argumentação (o texto argumentativo)

A palavra **ARGUMENTO** tem uma origem curiosa: vem do latim **ARGUMENTUM**, que tem o tema **ARGU**, cujo sentido primeiro é "fazer brilhar", "iluminar", a mesma raiz de "argênteo", "argúcia", "arguto".

Portanto, é o desenvolvimento de um raciocínio com o fim de defender ou repudiar uma tese ou ponto de vista, para convencer um oponente, um interlocutor circunstancial ou a nós próprios.

A argumentação desenvolve-se em função de um destinatário que influencia direta ou indiretamente a forma como evoluem os argumentos propostos. Argumentamos para persuadir alguém que, à partida, não partilha os mesmos pontos de vista ou as mesmas convicções que nós possuímos. Sem ferir a atenção do destinatário da argumentação, esta jamais poderá ser efetiva. É, pois, condição necessária o estabelecimento de um acordo que em nenhum caso pode ser tácito. A argumentação não é um ato de persuasão meramente psicológica de um auditório ou pessoa.

A argumentação não se confunde com a demonstração: enquanto esta não exige um auditório para ser concretizada ou construída, aquela depende dele para se concretizar plenamente. A argumentação é, por definição, diálogo de ideias entre dois sujeitos; a demonstração é, pelo contrário, um exercício racional monologado ou impessoal. No primeiro caso, prevalece uma relação entre um Eu e o Outro a quem se tenta influenciar de algum modo; no segundo caso, subsiste a relação de um Eu com as leis da lógica, sendo o próprio sujeito o primeiro a ter de ser convencido das teses a demonstrar (só em circunstâncias especiais a demonstração exige um auditório, como na defesa de uma tese acadêmica, por exemplo).

Na situação comum, quem argumenta deve ter um certo conhecimento do auditório ou pessoa a quem se dirige. Quanto maior for esse conhecimento, maiores serão as probabilidades de êxito das teses defendidas. O perfil do destinatário da argumentação tem de ser previamente estudado ou ponderado, já que as qualidades oratórias do arguente, por si só, não são suficientes, sobretudo se o discurso for entendido de forma autotélica.

Toda a argumentação pressupõe, portanto, um ajustamento às características do seu destinatário último. Por exemplo, se o auditório for composto por pessoas com uma formação cultural e literária geral e não especializada, a melhor estratégia de comunicação será a de recorrer a lugares-comuns que possam ser reconhecidos por todos. O senso comum, nesta situação, é mais importante do que o alarde de erudição sem eco. As homilias públicas utilizam muito este tipo de estratégia, apelando a valores universais (o bem, a justiça, a liberdade, a fé,...) que todos facilmente aceitam em qualquer argumentação.

A argumentação não age sobre evidências. O que é evidente não necessita nem de demonstração nem de apresentação de argumentos a favor ou contra.

Argumentar é procurar coerência onde existe dúvida, é descortinar sentido num paradoxo, mas também pode ser dar sentido a uma absurdidade ou a uma contradição. No discurso argumentativo, não se pode assumir que uma verdade, seja contingente ou necessária, jamais possua um oposto.

Não devemos confundir contestação com destruição arbitrária das ideias de um texto. Se as premissas da argumentação estiverem erradas, ela será sempre falaciosa.

Se na argumentação não se pode garantir a certeza absoluta de uma tese, nada nos impede de tentar convencer um auditório ou uma pessoa do contrário. Contudo, toda a argumentação deve fundar-se no *razoável* e não admitir a arbitrariedade das posições. A determinação do que é razoável numa argumentação é tanto da responsabilidade do arguente como da pessoa ou auditório, cabendo a este a confirmação final de toda a razoabilidade das teses propostas. Além disso, exige-se que a razoabilidade seja combinada com a total coesão dos argumentos. Terá sempre de existir uma grande solidariedade entre esses argumentos razoáveis e as convicções do auditório. Para atingir o fim da razoabilidade pode, em qualquer caso, o arguente utilizar figuras de retórica ou outros artifícios de linguagem e composição que acompanham, regra geral, todo o texto argumentativo. A diversidade dos argumentos apresentados é essencial para o mesmo fim. Pode, neste caso, o arguente socorrer-se de argumentos analógicos, de argumentos de autoridade, de argumentos *a pari* (com proposições semelhantes), de argumentos *a fortiori* (de uma proposição já validada para uma outra ainda mais evidente), ou de argumentos *a contrário* (de uma proposição já validada para a rejeição do seu contrário).

Diversos tipos de texto podem ser classificados como *argumentativos*. Simplificando, podemos distinguir o científico, o filosófico e o crítico-literário.

Assim sendo, talvez não se caracterizaria em exagero afirmarmos que falar e escrever é argumentar.

Num texto argumentativo, distinguem-se três componentes: a tese, os argumentos e as estratégias argumentativas.

**TESE**, ou proposição, é a ideia que defendemos, necessariamente polêmica, pois a argumentação implica divergência de opinião.

Os argumentos de um texto são facilmente localizados: identificada a tese, faz-se a pergunta por quê? (**Ex.:** o autor é contra a pena de morte (tese). Porque ... (argumentos).

As **ESTRATÉGIAS** não se confundem com os **ARGUMENTOS**. Esses, como se disse, respondem à pergunta por quê (o autor defende uma tese tal **PORQUE** ... - e aí vêm os argumentos).

**ESTRATÉGIAS** argumentativas são todos os recursos (verbais e não-verbais) utilizados para envolver o leitor/ouvinte, para impressioná-lo, para convencê-lo melhor, para persuadi-lo mais facilmente, para gerar credibilidade, etc.

Os exemplos a seguir poderão dar melhor ideia acerca do que estamos falando.

A **CLAREZA** do texto - para citar um primeiro exemplo - é uma estratégia argumentativa na medida em que, em sendo claro, o leitor/ouvinte poderá entender, e entendo, poderá concordar com o que está sendo exposto. Portanto, para conquistar o leitor/ouvinte, quem fala ou escreve vai procurar por todos os meios ser claro, isto é, utilizar-se da **ESTRATÉGIA** da clareza. A **CLAREZA** não é, pois, um argumento, mas é um meio (estratégia) imprescindível, para obter adesão das mentes, dos espíritos.

O emprego da **LINGUAGEM CULTA FORMAL** deve ser visto como algo muito es-tra-té-gi-co em muitos tipos de texto. Com tal emprego, afirmamos nossa autoridade (= "Eu sei escrever. Eu domino a língua! Eu sou culto!") e com isso reforçamos, damos maior credibilidade ao nosso texto. Imagine, estão, um advogado escrevendo mal ... ("Ele não sabe nem escrever! Seus conhecimentos jurídicos também devem ser precários!").

Em outros contextos, o emprego da **LINGUAGEM FORMAL** e até mesmo POPULAR poderá ser estratégico, pois, com isso, consegue-se mais facilmente atingir o ouvinte/leitor de classes menos favorecidas.

O **TÍTULO** ou o **INÍCIO** do texto (escrito/falado) devem ser utilizados como estratégias para captar a atenção do ouvinte/leitor imediatamente. De nada valem nossos argumentos se não são ouvidos/lidos.

A utilização de vários argumentos, sua disposição ao longo do texto, o ataque às fontes adversárias, as antecipações ou prolepses (quando o escritor/orador prevê a argumentação do adversário e responde-a), a qualificação das fontes, a utilização da ironia, da linguagem agressiva, da repetição, das perguntas retóricas, das exclamações, etc. são alguns outros exemplos de estratégias.

## A estrutura de um texto argumentativo

### A argumentação formal

- Proposição (tese): afirmativa suficientemente definida e limitada; não deve conter em si mesma nenhum argumento.
- Análise da proposição ou tese: definição do sentido da proposição ou de alguns de seus termos, a fim de evitar mal-entendidos.
- Formulação de argumentos: fatos, exemplos, dados estatísticos, testemunhos, etc.
- Conclusão.

### A argumentação informal

A argumentação informal apresenta os seguintes estágios:

- Citação da tese adversária
- Argumentos da tese adversária
- Introdução da tese a ser defendida
- Argumentos da tese a ser defendida

- Conclusão

### **Persuadir e Convencer**

Existe, acima de tudo, uma técnica argumentativa que se impõe a todos os auditórios, indiferentemente, ou pelo menos a todos os auditórios compostos de homens competentes e/ou racionais. Mas há uma distinção entre persuadir e convencer. Para quem se preocupa com o resultado, persuadir é mais do que convencer; mas para quem está preocupado apenas com o caráter racional da adesão, convencer é mais do que persuadir. Na opinião dos estudiosos da matéria:

“(…) persuadir é uma argumentação válida para um auditório; e convincente é aquela que presume a adesão de todo ser racional”.

Afinal, os estudiosos consideram que os termos convencer e persuadir são sempre imprecisos e que devem permanecer assim.

É, portanto, dizem eles, a natureza do auditório que determina o aspecto, o caráter e o alcance da argumentação. E acabam por classificar em três as diferentes espécies de auditório:

- 1.- o auditório universal, constituído pela humanidade inteira, por todos os homens adultos e normais – de características heterogêneas, portanto;
- 2.- o diálogo, constituído pelo interlocutor a quem o orador se dirige; e.
- 3.- o próprio sujeito (monólogo), quando ele delibera ou figura a razão de seus próprios atos.

Se a argumentação dirigida ao auditório universal é improvável que o orador convença a todos, pois existirá um problema de heterogeneidade, que deveria ser evitado.

Certos auditórios especializados podem ser equiparados ao auditório universal, como é o caso do cientista que se dirige a seus pares, em determinada conferência fechada. Mas um auditório de elite nem sempre será comparável a um auditório universal, por sua situação hierárquica, embora possa ser considerado um modelo, ao qual os demais deveriam amoldar-se.

Por fim, temos a ideia do público ideal e do público real, observação feita por J.P.Sartre (filósofo existencialista), que se referia ao escritor que se dirigia a todos os homens, mas logo percebeu que era lido apenas por alguns.


Concluindo, o orador que visa a uma ação precisa, a ser desencadeada pelo auditório:

“(…) deverá excitar as paixões, emocionar seus ouvintes, de modo a desencadear uma adesão intensa, capaz de vencer a inércia e as forças que atuam em sentido diferente ao desejado pelo orador.

## **Gêneros Textuais**

A habilidade que pode ser avaliada com itens relativos ao reconhecimento, por parte do estudante, do gênero ao qual se refere o texto-base, identificando, dessa forma, qual o objetivo do texto: informar, convencer, advertir, instruir, explicar, comentar, divertir, solicitar, recomendar etc. Essa habilidade é avaliada por meio da leitura de textos integrais ou de fragmentos de textos de diferentes gêneros, como notícias, fábulas, avisos, anúncios, cartas, convites, instruções, propagandas, entre outros, em que solicita-se ao aluno a identificação explícita de sua finalidade. Esta habilidade avalia se o estudante compreende qual é a função social do texto. A partir da leitura como um todo, ele deve perceber a intencionalidade do autor, isto é, seus propósitos.

### **Linguagem literária e não literária**

 A **linguagem literária** é caracterizada por sua plurissignificação, cuja base é a **conotação**, é utilizada muitas vezes com um sentido diferente daquele que lhe é comum.

Os textos literários são aqueles que, em geral, têm o objetivo de emocionar o leitor, e para isso exploram a **linguagem conotativa** ou poética. Em geral, ocorre o predomínio da função emotiva e poética.



Podemos citar como exemplos de textos literários o conto, o poema, o romance, peças de teatro, novelas, crônicas.

### O Conto

É um relato em prosa de fatos fictícios. Consta de três momentos perfeitamente diferenciados: começa apresentando um estado inicial de equilíbrio; segue com a intervenção de uma força, com a aparição de um conflito, que dá lugar a uma série de episódios; encerra com a resolução desse conflito que permite, no estágio final, a recuperação do equilíbrio perdido.

Todo conto tem ações centrais, núcleos narrativos, que estabelecem entre si uma relação causal. Entre estas ações, aparecem elementos de recheio (secundários ou catalíticos), cuja função é manter o suspense. Tanto os núcleos como as ações secundárias colocam em cena personagens que as cumprem em um determinado lugar e tempo. Para a apresentação das características destes personagens, assim como para as indicações de lugar e tempo, apela-se a recursos descritivos.

Um recurso de uso frequente nos contos é a introdução do diálogo das personagens, apresentado com os sinais gráficos correspondentes (os travessões, para indicar a mudança de interlocutor).

A observação da coerência temporal permite ver se o autor mantém a linha temporal ou prefere surpreender o leitor com rupturas de tempo na apresentação dos acontecimentos (saltos ao passado ou avanços ao futuro).

A demarcação do tempo aparece, geralmente, no parágrafo inicial. Os contos tradicionais apresentam fórmulas características de introdução de temporalidade difusa: "Era uma vez...", "Certa vez...".

Os tempos verbais desempenham um papel importante na construção e na interpretação dos contos. Os pretéritos imperfeitos e o perfeito predominam na narração, enquanto que o tempo presente aparece nas descrições e nos diálogos.

O pretérito imperfeito apresenta a ação em processo, cuja incidência chega ao momento da narração: "Rosário *olhava* timidamente seu pretendente, enquanto sua mãe, da sala, *fazia* comentários banais sobre a história familiar." O perfeito, ao contrário, apresenta as ações concluídas no passado: "De repente, *chegou* o pai com suas botas sujas de barro, *olhou* sua filha, depois o pretendente, e, sem dizer nada, *entrou* furioso na sala".

A apresentação das personagens ajusta-se à estratégia da definibilidade: são introduzidas mediante uma construção nominal iniciada por um artigo indefinido (ou elemento equivalente), que depois é substituído pelo definido, por um nome, um pronome, etc.: "Uma mulher muito bonita entrou apressadamente na sala de embarque e olhou à volta, procurando alguém impacientemente. A mulher parecia ter fugido de um filme romântico dos anos 40."

O narrador é uma figura criada pelo autor para apresentar os fatos que constituem o relato, é a voz que conta o que está acontecendo. Esta voz pode ser de uma personagem, ou de uma testemunha que conta os fatos na *primeira pessoa* ou, também, pode ser a voz de uma *terceira pessoa* que não intervém nem como ator nem como testemunha.

Além disso, o narrador pode adotar diferentes posições, *diferentes pontos de vista*: pode conhecer somente o que está acontecendo, isto é, o que as personagens estão fazendo ou, ao contrário, saber de tudo: o que fazem, pensam, sentem as personagens, o que lhes aconteceu e o que lhes acontecerá. Estes narradores que sabem *tudo* são chamados oniscientes.

### A Novela

É semelhante ao conto, mas tem mais personagens, maior número de complicações, passagens mais extensas com descrições e diálogos. As personagens adquirem uma definição mais acabada, e as ações secundárias podem chegar a adquirir tal relevância, de modo que terminam por converter-se, em alguns textos, em unidades narrativas independentes.

### A Obra Teatral

Os textos literários que conhecemos como obras de teatro (dramas, tragédias, comédias, etc.) vão tecendo diferentes histórias, vão desenvolvendo diversos conflitos, mediante a interação linguística das personagens, quer dizer, através das conversações que têm lugar entre os participantes nas situações comunicativas



**ATENÇÃO! ATENÇÃO!**

**Como se pode constatar, o que se vê aqui é somente uma pequena amostra dessa matéria. Efetuando o pagamento, você recebe TODAS as matérias, COMPLETAS, em seu e-mail.**